

Pseudônimo: Crisóstomo

Título do conto: **A mulher da sacada**

Era manhã de terça-feira quando Petúnia e João entraram pela porta da conhecida cafeteria. Eram filósofos amadores do cotidiano e riam de si próprios quando viam-se imersos em reflexões até sobre as mais pequenas banalidades da vida. Dessa vez, compartilhavam impressões sobre livros, séries e filmes que haviam explorado recentemente. João falou sobre *O Homem Duplicado*, de Saramago, e do quanto a obra o havia deixado mexido. Petúnia disse ter assistido a série *You*, da *Netflix*, que por sua vez lhe fez lembrar de uma história ocorrida semanas atrás.

- Tem um prédio aqui perto de casa que eu passo pela frente todos os dias, no trajeto até o Vale. Tijolos laranjas e persianas brancas nas janelas. No térreo, ficam as vagas de garagem, separadas da rua por umas grades cor de chumbo e, dali pra cima, três andares de apartamentos gêmeos. Nem bonito nem feio, nada marcante. Mas tem um apartamento em específico pelo qual eu era apaixonada! Ele tinha uma sacada com luzinhas e uma mesinha com vasos de plantas em cima. Dentro do apê, na parede de frente pra porta da sacada, um quadro enorme de *Friends* e um abajur embaixo, com uma luz amarelada, muito aconchegante.

As duas xícaras de café foram entregues.

- Uma mulher morava ali, devia ter seus quarenta e alguma coisa. Eu nunca vi ela de perto, mas achava ela linda. De longe até se parecia comigo, modéstia à parte. De tardinha, quando eu voltava pra casa, às vezes ela tava na sacada mexendo no *notebook* com um gato do lado. Quando isso acontecia, eu me escondia atrás de uma árvore pra ficar admirando aquela cena, ficava criando inúmeras teorias sobre a vida dela. Mas dias atrás ela se mudou e partiu meu coração.

João sorriu.

- E o que te motivava? Curiosidade em observar, apenas? Desejo de, de alguma maneira, ser ela, naquela realidade? Vontade de conhecer a história dela? - Perguntou ele.

- Um misto de coisas. Desejava ser ela, às vezes. Também sentia vontade de ser amiga dela pra assistirmos *Friends* juntas. Sabe que amo *Friends*. Mas, sobretudo, ela era o que eu imaginava ser quando adulta, entende? Tudo bem que eu não sei nada da vida dela, mas aquela imagem de mulher independente, livre, com um gato e um apê todo lindo, era o que eu imaginava que seria nos meus vinte e poucos, quando ainda era adolescente. Não que eu não seja isso, eu tenho 24, tenho meu apartamento e me considero uma mulher livre e independente. Só não tenho um gato. Mas aquele cenário era uma possibilidade dentro da minha imaginação, assim como o que eu vivo hoje também foi, de certa forma.

- Te entendi. Acho que, assim como nos filmes, a vida alheia, observada por uma sacada, ganha todo um significado especial. Fora que a imagem da sacada abre margem para um exercício fértil de imaginação. Ali tudo é possível.

- Sim! Quase que uma tela em branco pra gente colorir.

- Exatamente.

- Tu acredita que eu cogitei a ideia de ir falar com ela um dia em que ela estava na sacada? Imagina: oi, eu te observo, te acho linda, quer ser minha amiga?

- Ah, não é um completo absurdo não. A gente deixa de fazer muita coisa por vergonha. Quem sabe as experiências que poderíamos ter se fôssemos menos racionais nas nossas decisões.

- Eu acho que ela ia gostar. - Petúnia sorriu com os lábios levemente abertos, achando graça da própria história.

- Aquele dia na Praça da Alfândega, por exemplo, senti o impulso de sentar do lado do tio dançante e cantante e perguntar: meu amigo, qual a tua história? Acho que a gente perde boas oportunidades, às vezes, pela ideia do constrangimento.

- Teria sido sensacional! Só acho que ele ia te pegar pra conversar e tu não ias sair dali tão cedo.

- Provavelmente! E sim, ia ser um pouquinho desconfortável acabar a conversa. Mas acho que isso é só reflexo da necessidade que uma pessoa, provavelmente invisível perante a sociedade, tem de ser enxergada enquanto ser humano dono de uma trajetória.

- Concordo. De qualquer forma, minha musa provavelmente não seria tão receptiva quanto supomos que o tio da praça seria, e, além disso, ela não está mais lá. Perdi a oportunidade.

- O prédio não tem portaria? - Perguntou João.

- Tem.

- Pois então, que te custa vestir uma cara de pau, passar por lá e perguntar pra quem estiver no local que fim levou a moradora da tal sacada? Inventar uma história. As pessoas se conhecem, fazem amizade. Alguém deve conhecer ela. E mesmo que não seja o caso de amizade, digo por experiência de quem é filho de porteiro que eles sempre sabem da vida dos moradores.

Petúnia se pegou a pensar na possibilidade. Não era a primeira vez, já havia arquitetado o mesmo plano dias atrás, porém, ouvir a ideia da boca de João fez com que ela parecesse menos doida. A mulher da sacada havia mexido com a sua imaginação e aquela proposta de investigação a excitava.

- Vem comigo! - disse ela.

- Vou!

- Agora?

- Agora! - Respondeu João, rindo da situação.

Pagaram a conta e pegaram o ônibus que, naquela hora da manhã, estava metade cheio, apenas. Viajaram cerca de cinco minutos. Depois do desembarque, caminharam juntos as sete quadras que separavam a parada do tal prédio. Iam nervosos, como se fossem a um primeiro encontro com algum recém conhecido.

Chegando lá, não foi difícil conseguir a informação com o simpático Seu Cláudio, porteiro daquele prédio de tijolos laranjas, nem bonito nem feio. Após contarem uma mentirinha, os dois saíram sabendo onde a tal mulher trabalhava. Sabiam agora até o nome da pobre vítima daquela perseguição, mas, para Petúnia, “mulher da sacada” guardava muito mais significado.

- Vamos lá agora? - Perguntou Petúnia, com euforia.

- Já é meio dia, ela não deve mais estar lá.

- Droga, tens razão.

- Depois do almoço, então?

- Eu realmente adoraria estar junto contigo nesse momento tão icônico, mas tenho compromisso com a escola, de tarde. Acho que terás que completar a missão sozinha.

- Eu tenho vergonha de ir lá sozinha, assim...

- Ah, mas tu não vais chegar lá e confrontar a mulher, né? Caminha lá dentro e observa ela pra matar a curiosidade, num primeiro momento.

- Mas não és tu mesmo que diz para não perdermos as oportunidades por constrangimento? E se ela vai embora do serviço também?

- Sim. Vai lá e confere. Se ela te parecer amistosa, prometo que amanhã de manhã vamos juntos e damos um jeito de puxar conversa. Não vamos dar tanto azar da mulher se demitir de um dia para o outro.
- Tá, pode ser. Isso se antes ela não chamar a polícia e eu for presa. - Petúnia riu.
- É algo que temos que cuidar. - João riu de volta.
- Me liga depois de ver ela, se conseguir ver ela. Acho que tô mais ansioso que tu.
- Ligo sim, pode deixar!

Assim, na primeira hora da tarde, Petúnia dirigiu-se até o Jardim Botânico, local de trabalho da mulher da sacada, segundo Seu Cláudio. Andou por lá cerca de vinte minutos até que finalmente conseguiu avistá-la. A mulher não a viu, mas Petúnia sim. A viu de uma distância suficiente para que seu corpo e seu pensamento petrificassem. Aquilo era irreal!

Assim como na frente do prédio, Petúnia, depois de alguns segundos congelada, buscou refúgio atrás de uma árvore para não ser notada pela mulher. Observou abismada por mais um minuto para ter certeza e então pegou o telefone na mão. Precisava compartilhar com João o que seus olhos estavam vendo.

- E aí?
- Silêncio.
- Petúnia, está tudo bem? Está me deixando nervoso.
- Silêncio.
- Vai me contar ou fazer suspense, sua boboca?
- João...
- Faltava-lhe a voz.
- Conseguiu ver ela?
- Sim.
- E aí, quem é a tal mulher da sacada?
- Sou eu.